

Editorial

Neste segundo número, a *Reoriente* aborda grandes temas do sistema mundial capitalista ao tomar em consideração sua longa duração, a crítica de sua economia política, questões emergentes do século XXI e dimensões estratégicas do pensamento contra-hegemônico. Assim, a expansão da economia mundial capitalista, seus ciclos, suas crises, imperialismos, hegemonias, dependência, subimperialismos, nacionalismos e grandes nomes do pensamento crítico são os temas-chave que permeiam este novo volume que ora publicamos.

Na segunda parte de sua entrevista, Orlando Caputo, destacado pensador da teoria marxista da dependência, aponta a necessidade de aprofundar a relação entre o estudo da economia mundial e a teoria da dependência, para dinamizá-la e aprofundá-la. O autor diverge de François Chesnais e Robert Brenner, que vinculam a globalização à imposição de um regime de acumulação financeirizado, e aponta, desde meados dos anos 1980, a recuperação da taxa de lucro e do protagonismo do capital produtivo sobre o capital financeiro, situação que se consolida a partir dos anos 1990. Tal recuperação associa-se ao fortalecimento relativo da liderança dos Estados Unidos frente ao Japão, interrompendo sua ascensão e lançando-o na estagnação prolongada. Todavia, Caputo assinala que a globalização neoliberal da economia mundial foi uma resposta à queda das taxas de lucro nos anos 1970-80 e impulsionou os investimentos transnacionais dos Estados Unidos e Reino Unido, gerando uma superprodução de mercadorias que alavancou a China e o sudeste asiático como centros produtivos.

Tal movimento e seus impactos globais não foram suficientemente captados por aqueles que permaneceram reféns do nacionalismo metodológico, mantendo-se restritos à análise das economias nacionais. Abriu-se uma profunda disputa na economia mundial entre, de um lado, a China, que vai se tornando a potência econômica dominante, e, de outro, os Estados Unidos, que permanecem como potência hegemônica mundial por sua capacidade de articular as dimensões do econômico, político, militar e ideológico, e busca limitá-la e contê-la. Ele aponta que se produziram seis crises cíclicas no interior do processo de globalização entre os anos 1970-2000, mas, a partir de 2008, as crises passam a ser do processo de globalização, e é aí onde se inscreve a mais recente, de 2020, que pode colocar em questão a hegemonia mundial do neoliberalismo e abrir o espaço para amplas formas de reorganização mundiais.

O autor analisa ainda o padrão de acumulação neoliberal na América Latina, os bloqueios que essa forma de dependência coloca para o seu desenvolvimento, as explosões sociais no Chile, seus impactos sobre as mudanças políticas em curso, os

novos aportes no âmbito das teorias da dependência e do imperialismo, a crise ecológica, as pandemias e sua vinculação à globalização capitalista.

Javier Ezcurdia e Christopher Chase-Dunn, duas das principais referências nas análises dos sistemas-mundo, abrem a seção de artigos e apontam que o mundo entra numa nova era dos extremos, de grandes riscos, mas também de oportunidades para a esquerda mundial. Para neutralizar os riscos da guerra, da catástrofe, e guiar a transição rumo a um novo sistema mundial que promova a emancipação da humanidade das estruturas de opressão e violência que a submetem e a ameaçam, as esquerdas devem forjar um instrumento organizacional capaz de articular essas lutas em múltiplas dimensões. Os autores propõem a construção de um arcabouço diagonal, que chamam de navio, pelas linhas que lhe dão formato, para vincular de forma horizontal e com o mínimo de hierarquias as lutas nacionais, locais, globais, de classe e interseccionais em projetos mundialmente solidários, coordenados e capazes de se retroalimentarem. Destacam a necessidade de construção de um fórum global que promova temas como o nacionalismo progressista antifascista, a justiça climática, os direitos humanos, o feminismo, o antirracismo, os direitos indígenas, a descolonização, os direitos queer, as redes de compartilhamento, o transnacionalismo anticorporativo, a governança global democrática, o ativismo popular local progressivo, as alianças pela paz e contra a guerra etc.

Leonardo Leite e Marcelo Carcanholo propõem uma revisão da teoria do imperialismo para situar historicamente os marcos explicativos da gênese da dependência. Apontam o seu estabelecimento a partir do estabelecimento da grande indústria, da criação do mercado mundial e das transferências internacionais de valor que provoca. Tal proposição implica estender o conceito de imperialismo para fora do âmbito de um capitalismo monopolista, antes do surgimento deste, já no início do século XIX, quando o mercado mundial se estruturou de forma desigual e combinada.

Sahan Savas Karatasli analisa a dinâmica do nacionalismo em busca de Estado distinguindo-a do nacionalismo que se exerce no âmbito do Estado. O autor toma em consideração o período de 1492-2013 e lastreia vasta análise empírica histórico-comparativa para construir uma robusta sistematização teórica. Ele aponta que as crises dos ciclos sistêmicos de acumulação – principalmente as terminais –, o desenvolvimento desigual e a relação entre agência e estrutura são chaves para impulsionar contextos estruturais de proliferação desse tipo de nacionalismo, bem como as suas probabilidades de êxito. Os resultados que atingem são muito mais determinados pelo contexto em que atuam combinado com a presença de uma capacidade própria de organização, do que pela intensidade com que agitam suas bandeiras e seus objetivos. O autor menciona que a conjuntura atual que combina financeirização,

crise geopolítica, crise social e que instala o caos sistêmico a partir do início do século XXI, abre espaços estruturais para a atuação de movimentos nacionalistas em busca de Estado. O autor alerta para o fato de que nem todas as mobilizações nacionalistas são progressistas, podendo assumir caráter regressivo se as velhas elites realizam um pacto com nacionalistas em busca de Estado para fortalecer a coerção e lançar uma parte da população contra outra com o objetivo de manter privilégios.

Claudio Katz analisa o fenômeno do subimperialismo no Oriente Médio tomando em consideração três casos: Turquia, Arábia Saudita e Irã. Buscando inspiração na obra de Ruy Mauro Marini, o autor situa o subimperialismo como a atuação de economias intermediárias em seu espaço geopolítico regional através de poderosas incursões militares e busca de autonomia relativa diante das grandes potências. Entretanto, afirma que, no Oriente Médio, o subimperialismo também se articula a uma história de longa duração de rivalidades pré-capitalistas. Para ele, a Turquia é o principal poder subimperialista na região, com importante arsenal atômico vinculado à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), mas certa capacidade de atuação própria, que se aprofundou com a reação de Endorgan à Primavera Árabe e à tentativa de desestabilização de seu governo em 2016, apoiada por Obama, quando fortaleceu suas vinculações à Rússia. Ao analisar a Arábia Saudita, Katz destaca três características do seu subimperialismo: o investimento direto nas economias vizinhas, a cooperação antagônica com os Estados Unidos e o expansionismo militar no Oriente Médio, e são esses três aspectos que ele se dedica a analisar. O autor argentino destaca que o Irã é o principal rival geopolítico do regime wahabista. A reorientação do seu alinhamento geopolítico com a queda da monarquia Pahlavi e a revolução islâmica colocaram o país em conflito com o poder estadunidense, aproximando-o da Rússia e inscrevendo-o em inúmeros conflitos regionais pela disputa do poder político na região.

Jones Manoel aborda a elaboração de uma contra-história do liberalismo desenvolvida pelo destacado autor italiano Domenico Losurdo (1941-2018), tomando como referência central a questão Stalin. Ele refuta os epítetos de neostalinista lançados contra Losurdo, apontando estes que fazem parte da mesma estratégia contra-revolucionária que demonizou Robespierre, os líderes da Revolução Haitiana, da Revolução Russa para ocultar os vínculos do liberalismo com o colonialismo e o racismo, denunciados pelo jacobino francês, pelos jacobinos negros e pelo sucessor de Lenin no comando do Estado soviético. Ao acolher essas e outras dimensões positivas do período stalinista, mesmo sem deixar de criticá-lo, Losurdo sofre ataques ferozes do paradigma liberal que penetra em setores expressivos da esquerda que lhe são caudatários.

Em *Bem Viver e democracia no pensamento de Mariátegui e Gramsci*, César Germaná inaugura uma aproximação entre esses dois grandes pensadores. Nas palavras do autor, em vida, ambos se ignoraram, mas tanto Gramsci quanto Mariátegui questionaram em tempos e processos históricos distintos a ideologia do progresso inevitável, sustentada pelas correntes liberais e pelo marxismo eurocêntrico. Para Germaná, a partir desses dois grandes pensadores, a questão da democracia no socialismo não se refere às relações dos cidadãos com o Estado como uma máquina institucional separada do controle imediato dos produtores e, menos ainda, à crítica ética à ditadura. Em vez disso, aponta a necessidade de erradicar o caráter explorador das relações de produção capitalistas. E essa supressão não pode ser realizada se não forem superadas as instituições políticas que implicam a privatização do poder político e que impedem a socialização do poder. As reflexões de Mariátegui e Gramsci sobre democracia e socialismo nos ajudam a compreender que a democracia direta constitui uma das bases essenciais para a construção do projeto de bem viver.

Na seção de resenhas, Jales Dantas da Costa apresenta a análise da importante biografia de Gustav Meyer sobre Friederich Engels, publicada pela editora Boitempo em homenagem aos 200 anos de seu nascimento. Carlos Alberto Serrano Ferreira faz a crítica do livro de Carlos Eduardo Martins, *Dependency, neoliberalism and globalization in Latin America*, publicado pela editora Brill, que atualiza e estende o original em português, além de estabelecer um novo olhar sobre o conceito de superexploração da força de trabalho que reivindica e, ao mesmo tempo, pretende revisar alguns aspectos do enfoque de Ruy Mauro Marini para desenvolvê-lo.

Na sessão de homenagens, Maribel Aponte Garcia homenageia o jamaicano Norman Girvan (1941-2014), uma das principais referências do pensamento crítico mundial, destacando seus aportes para a formulação de uma teoria da dependência caribenha. Dídimo Castillo dedica seu texto a Marco Gandasegui, hijo (1943-2020), um dos maiores sociólogos panamenhos, destacando seus estudos sobre os Estados Unidos, sua estrutura de poder e hegemonia, que levaram à fundação de um grupo de trabalho no Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) sob sua inspiração. Castillo destaca os elementos centrais do aporte de Gandasegui, distingue os vetores básicos da crise de hegemonia e como as cisões que provocam na classe dominante se atualizam à medida que aquela se agrava, aprofundando conflitos internos. Deni Alfaro Rubbo analisa a biografia e a obra de Aníbal Quijano (1928-2018), um dos cientistas sociais latino-americanos de maior projeção internacional, apontando que sua originalidade vem da capacidade de fundir de forma própria as várias influências que sofreu, como as do Instituto Latinoamericano de Planificación Económica y Social (ILPES), da teoria da dependência elaborada no CESO e das

análises dos sistemas-mundo, por meio do que realiza uma vigorosa crítica à modernidade capitalista, ao imperialismo, à dependência e à colonialidade do poder, impulsionando novos sujeitos e novas formas de emancipação.

A Reorientação agradece especialmente a colaboração neste número de Raquel Coelho, Pedro Martinez e Lourdes Flores Bordais.

Carlos Eduardo Martins, Joana das Flores e Roberto Goulart Menezes